

COLONIALIDADE E RESISTÊNCIA: O IMAGINÁRIO RACISTA EM *THE WHITE WITCH OF ROSEHALL*

Coloniality and Resistance: the Racist Imaginary in the White Witch of Rosehall

Saide Feitosa da Silva¹
Luciana Marino do Nascimento²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as manifestações de ideologias raciais na obra - *The White Witch of Rosehall* de Herbert De Lisser. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de cunho analítico, empregando o dialogismo bakhtiniano e a perspectiva decolonial. Assim, buscamos desvelar as camadas ideológicas subjacentes ao texto. Metodologicamente, fundamentamo-nos na análise dialógica do discurso, conforme as concepções do Círculo de Bakhtin, através de autores como Bakhtin (2000, 2015) e Volóchinov (2018), em conjunção com a episteme decolonial, que desafia narrativas dominantes, por meio de autores como Quijano (2005), Said (2007), Mignolo (2005, 2011), entre outros. Utilizamos os conceitos de heterodiscurso e ideologia para interpretar enunciados que evidenciam ideologias de viés preconceituoso contra os negros, ao mesmo tempo em que enaltecem a branquitude. Concluimos que os discursos heterodiscursivos que permeiam a obra estão carregados de ideologias que legitimam e propagam a ordem eurocentrada de constituição do mundo.

Palavras-chave: Ideologia; Racialização; Heterodiscurso; Decolonialidade.

ABSTRACT

This article aims to analyze the manifestations of racial ideologies in Herbert De Lisser's work - *The White Witch of Rosehall*. The research adopts a qualitative and analytical approach, employing Bakhtinian dialogism and the decolonial perspective. Thus, we seek to unveil the underlying ideological layers of the text. Methodologically, we base our analysis on the dialogic discourse analysis, following the conceptions of the Bakhtin Circle through authors such as Bakhtin (2000, 2015) and Volóchinov (2018), in conjunction with decolonial epistemology, which challenges dominant narratives, through authors such as Quijano (2005), Said (2007), Mignolo (2005, 2011), among others. We utilize the concepts of heterodiscourse and ideology to interpret statements that reveal prejudiced ideologies against black people while exalting

¹ Doutor pelo Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do Curso de Letras Inglês e respectivas Literaturas na Universidade Federal do Acre. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5479-553X>. E-mail: saide.silva@ufac.br

² Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp; Docente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ; Professora Titular da Universidade da Força Aérea Brasileira. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7774-6837/print>. zensansara@bol.com.br

whiteness. We conclude that the heterodiscursive discourses that permeate the work are laden with ideologies that legitimize and propagate the Eurocentric order of world constitution.

Keywords: Ideology; Racialization; Heterodiscourse; Decoloniality.

1. Introdução

O presente artigo visa analisar ideologias discriminatórias presentes na obra *The White Witch of Rosehall* (WWR) do escritor jamaicano Herbert De Lisser (HDL). Utilizando uma abordagem qualitativa de base analítica, fundamentada na Análise Dialógica do Discurso (ADD) e nas teorias decoloniais, pretendemos desvelar camadas ideológicas subjacentes ao texto que legitimam e perpetuam hierarquias étnicas. Nossa investigação se concentra nos conceitos de heterodiscurso e ideologia, com o intuito de evidenciar como narrativas etnológicas são justificadas na Literatura.

Escolhemos o romance gótico-histórico WWR para este ensaio devido à sua rica representação de temas coloniais. Publicada no início do século XX, a obra de HDL oferece uma descrição acurada da sociedade jamaicana pós-escravidão, onde as tensões raciais ainda eclodiam. A narrativa gira em torno de Annie Palmer, uma figura lendária associada à escravidão, proporcionando um ambiente fértil para explorar como os preconceitos e estereótipos são articulados e difundidos. Esta seleção permite uma análise detalhada das dinâmicas de poder e resistência presentes no contexto literário.

Analisar as ideologias racistas nesta novela mostra-se importante, pois permite uma melhor compreensão de como a literatura pode moldar as percepções sociais sobre raça e poder. No contexto da modernidade, a racialização³ tornou-se uma ferramenta potente para justificar a exploração colonial. A partir de uma perspectiva decolonial, esta análise propõe-se não apenas a desconstruir narrativas hegemônicas, mas também a dar voz às epistemologias marginalizadas, oferecendo uma visão crítica das estruturas de domínio que influenciam as relações sociais contemporâneas.

Aliás, a racialização pode ser considerada uma das faces mais nefastas da modernidade, pois engendrou sistemas de opressão baseados em características físicas (Mignolo, 2011). A modernidade, marcada pelo progresso científico, paradoxalmente utilizou esse mesmo conhecimento para justificar a hierarquização racial, por meio de teorias pseudocientíficas e políticas segregacionistas. A obra de HDL, ao difundir essas ideologias, apresenta-se como um

³Racialização é o processo pelo qual relações e estruturas sociais são definidas com base na raça, resultando em desigualdade e discriminação. O conceito ganhou destaque nos estudos sobre raça e etnia, com contribuições significativas de teóricos como Stuart Hall. Refere-se à criação e manutenção de categorias raciais utilizadas para justificar a opressão e a desigualdade em várias esferas da vida (Hall, 1980).

caso manifesto de como a literatura pode atuar tanto como um veículo perpetuador quanto questionador das noções de superioridade.

Nesse intento, o artigo estrutura-se para oferecer uma análise reflexiva das ideologias raciais presentes em WWR. Iniciamos com uma fundamentação teórica que abarca o dialogismo bakhtiniano e as teorias decoloniais, seguidos pelos procedimentos metodológicos. A análise dos excertos da obra pode desnudar como os discursos racistas são perpetrados, enquanto a perspectiva decolonial permite uma crítica das narrativas eurocentradas. Esperamos que esta pesquisa contribua para os estudos discursivos, promovendo uma compreensão apurada das dinâmicas de poder na literatura colonial, notadamente a caribenha, preterida pelo cânone das pesquisas acadêmicas.

2. Racialização e Hierarquia: um enfoque decolonial

Num contexto decolonial, é salutar discutir a modernidade como o cenário em que uma nova ordem social emergiu. Como apontou Gabriel Garcia Marques em *O General em seu labirinto*, há uma tendência europeia de considerar suas inovações como superiores, menosprezando outras culturas. Esse viés eurocêntrico permeia o discurso moderno, influenciado por movimentos como o Renascimento, o Iluminismo e a Revolução Industrial, que moldaram as bases do pensamento político, social e estético ocidental (Nascimento, 2003). Essa visão se difundiu globalmente, reforçando hierarquizações e o colonialismo.

Os europeus não apenas desconsideraram, mas também difamaram outras culturas, elevando sua concepção de mundo como legítima. Esse processo envolveu a criação de uma dicotomia entre o europeu ‘civilizado’ e o não-europeu ‘bárbaro’, estabelecendo uma categorização de conhecimentos, culturas e identidades. A colonização justificava-se pela ideia de ‘humanizar’ outros povos, enquanto, na verdade, encobria a imposição do paradigma eurocêntrico de realidade indiscutível. Henrique Dussel argumenta que os nativos eram vistos apenas como uma “massa rústica” a ser civilizada, enquanto sua alteridade era vilipendiada (Dussel, 1993).

A partir do século XV, com o expansionismo europeu, surgiram relatos que colocavam o mundo não-ocidental em posição inferior em termos de conhecimento e cultura. Essas narrativas foram fundamentadas na estratificação de sociedades e na racialização, que foi central para a operacionalização do colonialismo, especialmente com a escravidão africana.

A modernidade trouxe não apenas avanços científicos e tecnológicos, mas também intensificou desigualdades e injustiças, principalmente nas colônias europeias. A ordem global moderna, segundo Wallerstein (1974), dividiu o mundo em centros hegemônicos e periferias

exploradas, mantendo hierarquias de poder e riqueza por meio de mecanismos econômicos, políticos e culturais.

As relações de poder e as identidades culturais foram reconfiguradas durante a modernidade, criando preconceitos, como discutido por Said (1978) em *Orientalismo*. A construção de alteridades serviu para legitimar a exploração colonial e a hegemonia europeia, intensificando a utilização de estereótipos para sustentar o projeto expansivo do ocidente.

O pensamento decolonial critica a modernidade por sua tendência a universalizar os conhecimentos europeus em detrimento das epistemologias do Sul global, marginalizando outras formas de ser e de saber. Sousa Santos (2009) propõe uma abordagem decolonial que valorize as epistemologias subalternas, oferecendo uma crítica às pretensões universalistas da modernidade.

Válido mencionar o quão o colonialismo dentro do contexto moderno, baseado na racialidade, disseminou suas ideologias a tal ponto que, até nos dias atuais, percebemos que a própria negritude reproduz falas discriminatórias contra sua própria raça quando enaltecem, por exemplo, a escravidão brasileira, como tendo sido benéfica para os descendentes de escravos, uma distopia completa.

Essas “figuras alienadas”, como assim os chamou Fanon (2008), repudiam até mesmo um expoente da história nacional, Zumbi dos Palmares, exemplo de bravura na luta contra a escravidão em nosso país. A alienação é tanta que, para esses reacionários, brancos ou negros, a escravidão serviu como uma fase transitória para melhores condições de vida, e não o fator determinante, responsável pela opressão, racismo e desigualdades brasileira.

Essa postura de negação da própria negritude, feita por pretos, em sua maioria descendentes de escravos, é explicada por Franz Fanon em seu livro *Peles negras, máscaras brancas* (2008). O autor martiniquense explora a formação de construções psíquicas colonizadoras por negros. Segundo ele, os brancos se investem de um comportamento tão superior que, por mais que os pretos demonstrem suas qualidades, estarão sempre em um nível inferior. Esse foi o modo pelo qual o pensamento colonial impregnou na *psique* dos negros uma espécie de “complexo de inferioridade”, colocando-os sempre em posição subalterna (Fanon, 2008).

Percebemos a reprodução desses discursos estereotipados nas escolas, com livros didáticos representando o preto em posições subservientes; na grande mídia, com profissões desprestigiadas; nas tantas expressões populares em que ele é sempre ‘anunciado’ como *persona* obscura, ou de forma sexualizada; na literatura não seria diferente, dentro da

perspectiva heterodiscursiva, certamente há discursos discriminatórios nesse gênero do discurso.

Aliás, para no mínimo rechaçar esse comportamento subserviente, é necessário, de acordo com Fanon, primeiramente, a tomada de consciência da alienação sofrida por todos os sujeitos estigmatizados pela narrativa eurocentrada, atitude que os levaria a abonar a sua própria cultura, e, conseqüentemente, estancaria gradualmente a legitimação da cultura dominante que os inferioriza e, assim, paulatinamente, cairiam suas máscaras brancas (Fanon, 2008).

Nesse prisma, entendemos necessário, ancorado em Fanon, que o negro pare de reproduzir a sociedade discriminatória da branquitude, na medida em que ele se aceita como tal, não sendo um imperativo ‘embranquecer-se’ para tornar-se mais humano, civilizado e aceito, pois ele não é o vilão que a elite dissemina.

Dessa forma, os negros dispensariam suas máscaras brancas e superariam o complexo de inferioridade em relação à branquitude, elevando a negritude a um estágio de emancipação consciente, desvinculando-se das amarras racialistas das ideologias dominantes. Aliás, Aimé Césaire (2000) destaca que o colonialismo, ao “descivilizar” o colonizador, impõe tortura, violência, ódio racial e imoralidade, arrastando-o para a barbárie.

Todavia, mesmo que o colonizado encontre formas de resistir à opressão por meio de epistemes decoloniais, o dominador engendra ideologias que perpetuam seu poder. Com o fim do colonialismo de ocupação nas antigas possessões, através dos movimentos emancipatórios ocorridos no Caribe e nas Américas, a narrativa eurocêntrica prevalece, mantendo a autoridade discursiva por meio de um sistema de dominação tão nefasto quanto o colonialismo. Esse sistema é o que Aníbal Quijano denominou colonialidade. A era da decolonialidade encontra sua antítese na persistência dessas estruturas de poder.

Nesse pressuposto decolonialista de entendimento das formas pelas quais o neocolonialismo exerce seu domínio, percebemos a colonialidade do poder, como preconizada por Quijano (2005), atuando de maneira predominante. A ideia de raça desempenhava um papel central na formação das relações sociais, com os europeus sendo considerados a raça superior as demais – especialmente a indígena e a negra – sendo vistas como inferiores dentro dessa escala racialista. Quijano (2005) referiu-se a esse processo como uma “categoria mental da modernidade”.

A modernidade, embora celebrada por seus avanços, revela-se profundamente contraditória ao perpetuar sistemas de opressão e exclusão. Compreender esse período é fundamental para desvelar as ideologias raciais e os preconceitos que subjazem à ordem colonial, tanto no contexto do colonialismo quanto da colonialidade. Nessa perspectiva, nossa

investigação por meio dos conceitos de heterodiscurso, ideologia e episteme decolonial pode oferecer *insights* relevantes para a interpretação crítica da obra WWR.

Na sequência, abordamos como o dialogismo bakhtiniano e a perspectiva decolonial podem ser aplicados à análise de textos literários, expondo discursos raciais e dinâmicas de poder. Isso pode nos permitir compreender melhor como a literatura não apenas refrata, mas também desafia e ressignifica as estruturas sociais e culturais na modernidade.

3. Desconstruindo Narrativas: Heterodiscurso e Ideologia em WWR

Para abordar de forma adequada as ideologias raciais presentes em *The White Witch of Rosehall*, é imprescindível entender os conceitos de heterodiscurso e ideologia, conforme elaborados pelo Círculo de Bakhtin. A obra de Herbert De Lisser oferece um campo fértil para explorar como esses conceitos podem revelar as camadas subjacentes de opressão racial. O dialogismo bakhtiniano nos fornece ferramentas críticas para analisar como os discursos interagem e se confrontam, destacando as vozes dominantes e subalternas no texto literário.

O conceito de heterodiscurso, segundo Bakhtin (2015), refere-se à multiplicidade de vozes e perspectivas que coexistem e dialogam dentro de um texto. No romance em tela, essas vozes podem refletir as tensões sociais na Jamaica pós-escravidão, permitindo-nos identificar como as narrativas racialistas são construídas. A análise dialógica do discurso nos ajuda a perceber como os personagens e suas interações enunciativas reproduzem ideologias predominantes ou não.

Além disso, a ideologia, conforme entendida pelo CB, permeia todos os discursos e práticas sociais, funcionando como uma força invisível que molda a percepção e o comportamento dos indivíduos (Volóchinov, 2018). Na obra de HDL, buscamos observar como a ideologia eurocentrada se manifesta e é naturalizada através dos discursos dos personagens, perpetuando hierarquias sociais. Compreender esses conceitos nos permite perceber tais narrativas e criticar as estruturas de poder que sustentam a racialização. Vamos a leituras mais objetivas desses dois conceitos caros para nossa investigação.

Ao integrar a perspectiva dialógica do discurso com a noção de heterodiscurso, podemos construir o elo necessário para alcançar a concepção de ideologia desejada. A noção de heterodiscurso, para muitos, uma extensão do conceito de dialogismo, funciona como o núcleo agregador de outros conceitos desenvolvidos pelo CB. Embora frequentemente usados de forma intercambiável, heterodiscurso e dialogismo têm nuances distintas. O conceito de heterodiscurso, cunhado por Bakhtin a partir de seus estudos das obras de Dostoiévski,

particularmente em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2008), oferece uma importante contribuição para a teoria do romance e da linguagem.

Para entender plenamente esse conceito, é essencial contrastá-lo com o monologismo. O monologismo apresenta apenas uma única voz, a do autor, enquanto as obras de Dostoiévski exemplificam narrativas constituídas por vozes autônomas, refletindo a diversidade social de linguagens e forças sociais antagônicas. Em um enredo monológico, os personagens não possuem voz própria; suas opiniões e pensamentos são meramente extensões das posições axiológicas do autor.

Por outro lado, o romance heterodiscursivo valoriza personagens com vozes independentes. Bakhtin afirma que os personagens são vistos como autores de suas próprias concepções filosóficas, não meros objetos da visão do narrador. Ele diz: “O herói tem competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena” (Bakhtin, 2008, p. 3). Assim, o valor das palavras dos personagens desafia o plano monológico e provoca respostas imediatas, reconhecendo-os como veículos de suas próprias elocuições.

Bakhtin vê o romance como intrinsecamente heterodiscursivo, contendo múltiplas vozes que refletem perspectivas e validades sociais particulares. O autor permite que os personagens refratem suas próprias realidades e externalizem suas visões de mundo, logo, suas ideologias. Nas palavras do teórico russo, o texto consiste “na multiplicidade de vozes equipolentes, as quais expressam diferentes pontos de vista acerca de um mesmo assunto” (Bakhtin, 2008, p. 39).

Sob essa perspectiva heterodiscursiva, as declarações do mundo real, seja uma discussão entre vizinhos ou um confronto entre políticos, é um embate de pronunciamentos distintos. Anunciamos, por meio de nossos discursos, vozes de outros. Heterodiscurso representa não apenas as múltiplas vozes autônomas de personagens numa trama romanesca, mas também os horizontes axiológicos que orientam os sujeitos em seus embates enunciativos na vida real, a obra literária espelha esses embates.

Assim, os personagens de uma obra literária, como no mundo real, são responsáveis por seus atos enunciativos, conferindo suas visões de mundo responsiva e responsavelmente. Suas posições axiológicas revelam as ideologias presentes em suas elucubrações ou divagações, que são o reverberar de vozes anteriores. Dialogismo e heterodiscurso, conforme delineados pelo Círculo de Bakhtin, nos convidam a entender os discursos como interações dinâmicas e multifacetadas, refletindo a complexidade das interações humanas na arte ou na vida.

Agora, concentramo-nos nos preceitos do CB relativos à ideologia. Apoiados na visão volochinoviana da enunciação, argumentamos que o fenômeno ideológico se materializa por meio da linguagem na interação entre sujeitos organizados. Volóchinov (2018) sustenta que a própria consciência individual está imersa em signos, tornando-se efetivamente consciência apenas quando impregnada de conteúdo ideológico (semiótico) nas interações sociais.

A consciência, assim, adquire existência ao se encarnar em signos ideológicos formados durante as relações sociais. Portanto, a comunicação discursiva é o espaço onde ocorre a interpenetração dialética entre o psiquismo e a ideologia. Entre os signos ideológicos, a palavra é o meio mais sensível da comunicação humana. A interação é um acontecimento social que ocorre por meio de enunciados, sendo o diálogo sua forma mais significativa, embora não a única. Através dela, a língua se forma e está em constante transformação (Volóchinov, 2018).

Inclusive, a ideologia deve ser compreendida em sua materialidade, em ações concretas de linguagem e no confronto de interesses de comunidades semióticas. Segundo o teórico russo, tudo que é ideológico possui significação e remete a algo externo a si mesmo. Tudo que é ideológico é um signo e carrega significados; sem signos, não há ideologia. Estes signos, reflexos das estruturas sociais, materializam-se na palavra, que, para Volóchinov, é “um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate” (Volóchinov, 2018, p. 140). Fora de sua objetivação material, como o gesto, a palavra, ou o grito, a consciência não passa de conjecturas.

Toda vez que entramos na “arena de lutas”, somos responsáveis por nossas próprias ações, entendidas, segundo o Círculo, como “atos éticos” produzidos a partir do entrelaçamento discursivo de ideias entre sujeitos contextualizados, gerando outras responsabilidades. A linguagem, enquanto sistema de signos constituídos coletivamente, permite o surgimento da consciência e é em si uma realidade material. Tudo o que produzimos semioticamente está revestido de um valor ideológico, pois, se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, o pensamento e a atividade mental, que são condicionados pela linguagem, são modelados por ela.

Volóchinov e o Círculo concebem dois tipos de ideologias: as “constituídas” e as “cotidianas”. Volóchinov afirma que “[...] a todo o conjunto de vivências da vida e expressões externas ligadas diretamente a elas chamaremos, diferentemente dos sistemas ideológicos formados: a arte, a moral, o direito, de ideologia do cotidiano. Ela é o universo do discurso interior e exterior, não ordenado nem fixado, que concebe todo nosso ato, ação e estado consciente. (Volóchinov, 2018, p. 213).

Os sistemas ideológicos formados, como a educação, a moral, ciência, arte, religião etc, cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano e, por sua vez, exercem sobre ela forte influência inversa, dando-lhe o tom. Esses produtos ideológicos formais mantêm uma ligação orgânica com a ideologia do cotidiano, nutrindo-se de sua seiva e estando mortos fora dela, assim como uma obra literária finalizada ou uma ideia cognitiva fora de sua percepção avaliativa concreta (Volóchinov, 2018).

As ideologias constituídas pertencem à superestrutura, compondo o nascedouro das ideologias cotidianas, efetivadas na infraestrutura. Estas, por sua vez, funcionam como a fonte a partir da qual as ideologias formais são gestadas. Num fluxo constante de retroalimentação, ambas se interpenetram em um processo dialético, formando o depósito fluido dos discursos constituintes das dinâmicas sociais.

Para uma definição específica do conceito de ideologia além da assunção filosófica como “todo o conjunto de vivências da vida” (Volóchinov, 2018, p. 213), podemos nos basear no que ele expressou em *Que é a linguagem* (1930), onde afirma que a ideologia é “todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meios de palavras [...] ou outras formas sígnicas” (Volóchinov, 2013, p. 107).

Assim, a ideologia pode ser entendida como o meio pelo qual concretizamos nossa existência social e expressamos nossos posicionamentos, opiniões, ideias, sentimentos e crenças através da palavra, sempre no movimento interativo dos encontros sociais. Nas disputas enunciativas, as ideologias nos distinguem enquanto sujeitos: o que pensamos, a que grupos pertencemos ou mesmo para onde queremos ir.

Dentro desse prisma conceitual, para compreender e analisar as ideologias raciais em WWR, utilizaremos os conceitos de heterodiscurso e ideologia, especialmente as ideologias cotidianas, dentro da análise dialógica do discurso. Eles, conforme o Círculo de Bakhtin, conferem a base teórica para analisarmos os enunciados que evocam majoritariamente os preconceitos raciais no romance em tela.

Através do heterodiscurso, podemos identificar a multiplicidade de vozes e perspectivas que coexistem e dialogam no texto, refletindo as tensões raciais daquela sociedade escravagista. A Análise do Discurso Dialógico (ADD) nos ajuda a entender como os personagens e suas interações textuais reproduzem ideologias predominantemente imperialistas. A ideologia, como uma força invisível que molda percepções e comportamentos, será examinada para evidenciar como se manifesta e é naturalizada heterodiscursivamente, perpetuando hierarquias sociais. Em

síntese, heterodiscurso e ideologia fornecem uma base teórica para analisar as estruturas de poder orquestradas na dinâmica da racialidade.

4. A Construção do Outro: Branquitude e Negritude em WWR

Antes de nos embrenharmos nas ideologias racistas propriamente dita, faz-se necessário discorrer brevemente da ambientação da obra. A narrativa por trás da lenda que serve de inspiração para o romance famoso de HDL, WWR, é controversa e difundida até hoje. Ela se tornou uma das histórias mais populares do imaginário cultural jamaicano. O enredo gira em torno da história gótico-melodramática de Annie Palmer, a bela senhora de escravos, assassinada por seus cativos em retaliação as suas crueldades.

O romance, considerado histórico com características de realismo mágico, vale-se de um triângulo amoroso [Rutherford, Ane Palmer e Millicent] como um reflexo simbólico do período colonial jamaicano, quando ocorreram vários levantes contra essa ordem. A narrativa delineia um cenário que permite uma reinterpretação do movimento de 1931 conhecido como “A Revolta Escrava do Natal”. Nesse contexto conflituoso, o país fervilhava com rumores de insurgências dos negros. Alguns historiadores apontam esse evento como precursor de ações nacionalistas subsequentes na Jamaica. A obra de HDL oferece um quadro peculiar desse cenário opressor:

São os homens brancos que têm que se cuidar agora, pois todos nós estamos livres a partir desta noite—todo escravo na Jamaica está livre—e estamos indo para as montanhas para lutar até que esses malditos donos de escravos aqui reconheçam nossa liberdade. Veio da Inglaterra e eles estão escondendo isso (De Lisser, 1958, p. 178)⁴.

Nesse contexto escravocrata, percebemos que, de um lado, existiam os escravos revoltosos com as condições degradantes de vida, e de outro, havia a constante preocupação dos senhores com a possibilidade iminente de um confronto e a inevitável supressão de lucros. Ou até mesmo algo pior: a perda de suas vidas, ameaçados pelo prospecto das reações contrárias à dominância da elite branca que não hesitava em rechaçar esses focos revolucionários, seja pela força (colonialismo) ou pelo poder de suas ideias racialistas (colonialidade).

Apesar da mão de ferro escravocrata, podemos aludir ao registro do negro como ente combativo às opressões de jugo colonial. Foram esses heróis que deram início ao processo de emancipação da negritude naquela ilha. Em uma das falas da personagem Anne Palmer,

⁴ Todas as ocorrências são tradução nossa. Todos os excertos são da obra em estudo [WWR].

podemos captar essa atitude desafiadora, forjada na resistência contra o tratamento punitivo baseado na racialização:

‘Bem-vindo a Rosehall,’ ela disse alegremente, ‘embora eu desejasse que você tivesse vindo em outra ocasião, quando eu não estivesse obrigada a supervisionar o castigo dos escravos rebeldes.’ ‘Obrigado,’ ele respondeu; mas, apesar de estar confuso e fascinado, ele não pôde deixar de perguntar: ‘Quão rebeldes?’ ‘Isso é uma longa história, e eu não poderia contá-la aqui. Você não sabe as dificuldades que estamos enfrentando agora com nosso povo. A menos que inspiremos neles um temor adequado, eles podem se revoltar a qualquer momento e cortar nossas gargantas’ (p. 29).

Dialogicamente, podemos compreender como ocorre o processo de racialização do corpo negro, quando eles são submetidos à punição física, como se fossem meros animais nas mãos de seus senhores, como observamos na fala da Sra. Palmer ao inferir que este controle poderia ser feito ao inspirar neles medo com a punição adequada.

No tocante à questão ideológica (Volóchinov 2018), entendemos que os enunciados compõem um repertório de “ideologias constituídas” e “cotidianas” que refratam deliberadas percepções de mundo, camuflando interpretações da realidade dentro do âmago dos seus conteúdos enunciativos; argumentos que engendram uma ordem elitista branca de ordenança dos atos sociais que compõem aquele ambiente cultural de conformação colonial.

Depreendemos, aliás, um distinto ar paternalista nesses discursos, inclusive quando Anne Palmer, a bruxa branca, se utiliza da expressão “nosso povo” para referir-se aos escravos, inculcando familiaridade e benevolência. Como uma mãe protetora, ela dispensa punições ‘instrutivas’ aos ‘filhos malcriados’, servindo-lhes de ensinamento de ‘bons modos’, espelhados nos comportamentos ‘ilibados’ da branquitude europeia, pois era esse o modelo a ser copiado.

Por meio de seus discursos imperiosos, os senhores de escravos se investiam de uma presumida autoridade paternal, conferida ‘divinamente’ a eles; a capacidade singular de ‘conduzir’ apropriadamente seus ‘tutelados’, mesmo que para isso tivessem que brutalizar seus cativos como em uma espécie de ‘pacto civilizatório’ entre opressor e oprimido, como acontece dentro da arquitetura vil da colonialidade do ser (Torres, 2008).

Nesse viés argumentativo, ao utilizar o termo “nosso povo” referindo-se aos escravos, considerando que o processo de atribuir identidades raciais ou étnicas a um determinado grupo (Gobineau, 1967) configura-se em uma relação assimétrica de poder, sobretudo quando essas identidades entram na arena ideológica de práticas de dominação. Em outros termos, o senhor escravocrata investia-se de quaisquer meios para garantir a ‘transformação cível’ daqueles

sujeitos, valendo-se do pânico físico e moral como ferramentas de disseminação de suas ideologias.

Aludindo a nuances hegemônicas de discurso, percebemos, em vários momentos da obra, uma das principais ideologias constitutivas: a religião. O cristianismo, enquanto discurso, investia-se da superstição para atender aos desígnios da elite branca, colocando-se como o credo uno, capaz de libertar os corpos negros dos vícios mundanos. Diluindo-se essa ideologia formal em cotidiana (Volóchinov, 2018), inferimos, nas falas dos personagens, o quanto essa doutrina de fé associava-se à bondade, enquanto os ‘cultos’ africanos, como o *Obeah*, ligavam-se à maldade. Os cristãos, por exemplo, são retratados de maneira positiva, enquanto os não cristãos são referidos como ardilosos e cruéis. Asseveramos o caráter obscuro e exótico do *Obeah* no enunciado:

cerca de vinte metros de distância, um grupo de pessoas estava agachado no chão, formando um círculo rude, e dentro desse círculo ardia uma grande fogueira que chiava e estalava, lançando faíscas ferozes para cima e iluminando intensamente os rostos tensos e fixos dos homens e mulheres, dos quais saía um som estranho e curioso (p. 147).

Essa ornamentação da religião dos negros, carregada de adereços discursivos blasfematórios, revela-se uma tônica narrativa em termos heterodiscursivos, anunciada pela maioria dos personagens, inclusive pelo próprio autor. Isso confirma o tom depreciativo sobre o *Obeah* impregnado naquela sociedade. Essa prática enunciativa, refletida nas ideologias cotidianas dos personagens, manifesta-se como um caso de atenção seletiva, exemplificado pela prática de invocação de espíritos para fins macabros.

Sobre o aspecto ideológico constituído na infraestrutura colonial, ao longo do tempo, tornou-se flagrante a inviabilidade do sistema escravocrata. A oferta de escravos diminuiu drasticamente, e sua manutenção tornou-se dispendiosa. Qualquer complacência demonstrada em relação aos escravos refletia mais uma necessidade do que um sentimento altruísta do europeu. Mesmo assim, os cativos eram punidos exemplarmente, numa tentativa de desencorajar outros a se oporem às ordens senhoriais. Nas palavras da Sra. Palmer, os escravos eram vistos como predispostos ao sofrimento e ao trabalho árduo desde sua concepção devido à sua conformação fenotípica, como refratado no seguinte trecho:

Se os negros merecem sofrer, então sofrerão; não vejo por que devem ser lamentados. Mas se eu observar enquanto estão sendo punidos, é por um senso de dever—e para evitar punições excessivas. A garota hoje recebeu apenas oito chibatadas. Eu poderia ter dado três vezes mais a ela (p. 39).

As ideologias cotidianas proferidas por Annie Palmer delineiam as assimetrias existentes nas relações sociais entre senhores e escravos, onde o negro é destinado a atos de violência sancionados pelas instâncias de poder, sendo submetido à condição de posse, como se fosse um mero objeto. De fato, ignora-se a condição humana ao inferir que cada indivíduo já está predestinado a ocupar seu lugar na escala social: o branco incumbido de dominar e o negro condenado a ser explorado.

Cada vez mais, reforça-se a ideia do ‘excepcionalismo’ do europeu baseado na racialidade, como evidenciado nas palavras do inglês Robert ao descrever fisicamente a Sra. Palmer. Ele associa sua aparência a uma suposta predominância da estética branca, conectada inerentemente à beleza, racionalidade e virtude, características antagônicas à negritude. Esta última é frequentemente relacionada à feiura, irracionalidade e lascívia, condenando os indivíduos negros a uma condição abjeta, até mesmo desprovidos de sentimento ou alma. Observa-se essa perspectiva dicotômica de valores contrastantes entre brancos (virtuosos) e negros (viciosos), em um jogo que celebra a branquitude e desvaloriza a negritude:

A testa acima deles, embora parcialmente oculta pelo chapéu de montaria, era larga e suave, e cabelos negros brilhantes cobriam as orelhas. O nariz era ligeiramente aquilino, sugerindo força de caráter, uma disposição e uma vontade e uma habilidade para comandar (p. 28).

Robert olhou ao redor para ver se possivelmente havia sido ouvido; alguns dos escravos estavam bem próximos. Ela percebeu seu movimento. ‘Eles não importam’, disse ela indiferentemente; ‘estamos praticamente sozinhos aqui. Eles não contam; não têm alma ou sentimentos’ (p. 31).

Essas ideologias cotidianas refletem de forma perspicaz a construção eurocêntrica do ‘outro’ como inferior, destacando como essa visão perpetua preconceitos, estigmas e estereótipos historicamente arraigados por discursos racializados. Elas indicam como essas construções discursivas promovem a convicção na superioridade de alguns grupos em detrimento de outros. Além disso, destacam a significativa influência dessa crença, ressaltando como ela é amplificada pelo silêncio das comunidades subalternizadas, “sem valor e sem alma”, diante das violências sofridas, o que reforça ainda mais a perpetuação dessas estruturas de poder.

Em contrapartida, nas observações do inglês Rutherford sobre as características físicas de Millicent, rival da Sra. Palmer, percebemos que, mesmo ao elogiar a beleza de uma mulher negra, há um paralelo com os padrões estéticos caucasianos. Seu nariz também era “retilíneo”, refletindo o padrão físico europeu. Além disso, destaca-se a maneira como o homem se refere

à mulher preta. O amante inglês a enaltece, mas limita-se a considerar apenas a conformação de seu corpo, descrevendo-a como um objeto sexual para a satisfação alheia. Isso evidencia outra complexidade ideológica que perpetua a suposta superioridade branca sobre os corpos negros, retratados apenas de maneira erótica. Os ‘encantos’ de Millicent, na visão do inglês, são restritos apenas à sua beleza externa, pois os atributos intelectuais são exclusividade dos europeus.

Outro aspecto ideológico notável é a representação da Europa como o ápice da civilização, habitada por pessoas íntegras, enquanto o Caribe é descrito como o lar dos degradados. Sob essa perspectiva imperialista, o movimento abolicionista é visto como um ideal que só poderia emergir na Europa, associado à virtude e à humanidade, e não como resultado das transformações socioeconômicas que ocorriam no estágio transitório do modelo capitalista, sustentado pelo trabalho escravo. Os fragmentos a seguir refratam a suposta supremacia do europeu sobre quaisquer outros indivíduos, principalmente os negros, colocados no último degrau da escala social racializada:

A notícia havia se espalhado de que um decreto que libertava os escravos havia chegado da Inglaterra e estava sendo retido pelos senhores, e os escravos estavam em estado de excitação perigosa (p. 66).

Ashman havia visto muitos homens chegarem da Inglaterra com as mais nobres resoluções e os ideais mais elevados, e às vezes, em uma semana, tudo isso parecia desaparecer completamente, como se nunca tivesse existido (p. 71).

Estes trópicos, com sua grande população servil e pequena aristocracia de proprietários que viviam em um mundo de horizontes mentais e morais muito estreitos - que horror eles realmente são! [...] Estes trópicos escravistas podem parecer grandiosos na superfície, mas são perigosamente desagradáveis por baixo (p. 141-142).

As ideologias cotidianas mencionadas sugerem a construção de narrativas de viés eurocêntrico. Ao retratar a Europa como um lugar edênico, essas falas criam uma imagem inversa de outras regiões, apresentando-as como infernos na terra. Utilizando o conceito de Orientalismo de Said (2007), que descreve como o Ocidente estereotipa o Oriente, podemos afirmar que essa mesma percepção é aplicada aos povos africanos e tropicais, frequentemente retratados como seres infames, em um processo que pode ser denominado como ‘caribbeanismo’.

De fato, essas periferias são representadas como ambientes perniciosos onde os indivíduos são moralmente depravados. Eles são capazes de corromper figuras ‘nobres’, como o inglês Rutherford, que inicialmente possuía as qualidades associadas ao europeu, mas gradualmente se corrompe pelo *ethos* das Índias Ocidentais, levando-o a viver “alegremente,

tumultuosamente, perigosamente o hoje, deixando o amanhã cuidar de si mesmo” (p. 48). O jamaicano, portanto, dentro dessa perspectiva ideológica eurocêntrica, é visto como portador dos genes da inconsequência e obscuridade, em contraposição à racionalidade e virtude caucasiana.

Em diversos discursos, o caráter dos negros é descrito de forma caricatural, retratando-os como desonestos, inclinados à trapaça. As mulheres negras, por sua vez, são representadas como facilmente corruptíveis e intrinsecamente associadas à libertinagem. Em contraste, aos brancos era atribuído até mesmo a naturalização da escravidão. Esses comportamentos configuravam-se em sistemas discriminatórios institucionalizados, frequentemente sustentados por um aparato ideológico formal, como a religião e o direito, que serviam como artifícios narrativos predominantes naquela sociedade (Volóchinov, 2018).

Dialogicamente, podemos discernir a presença de ideologias cotidianas que não apenas perpetuam, mas também reforçam a ordem hegemônica discursiva eurocentrada. Um exemplo marcante é encontrado na figura de Phyché, uma ex-escrava que, de forma paradoxal, internaliza e reproduz o discurso de seus próprios opressores (Bakhtin, 2000, 2002). Sua alienação não apenas reflete, mas amplifica a suposta superioridade branca ao adotar as narrativas enviesadas da branquitude. Por trás dessas representações, Phyché oculta as complexidades e contradições do ideário eurocêntrico, obscurecendo suas próprias histórias e perpetuando uma visão distorcida da realidade histórica e social.

No caso de Phyché, ela representa os inúmeros negros que adotam as chamadas “máscaras brancas”, um conceito de Franz Fanon (2008) que discute a defesa de atitudes imperialistas por parte dos próprios negros. Phyché reproduz, em termos dialógicos, as máximas elitistas ao se referir às suas colegas negras como “ladras”: “Todas elas te roubam sem pestanejar, exceto se você as cortejar” (p. 34). Ela demonstra essa alienação, sendo incapaz de perceber as dificuldades enfrentadas por aqueles que de fato os exploravam.

Por meio das falas de Phyché, compreendemos a introjeção da imagem do branco como ser angelical, levando-a a assumir uma posição de inferioridade e a se comportar como figura de desejo, pronta para satisfazer as vontades de seus ‘senhores’. Nessa estratificação social, tudo o que provinha dos brancos era visto como integridade. Poucos conseguiram se libertar das amarras dessa alienação; Millicent, outra ex-escrava, diferencia-se de Phyché ao desafiar as premissas ideológicas daquela sociedade hierarquizada, representando os raros indivíduos escravizados que resistiram à ordem colonial (Quijano, 2005; Mignolo, 2007, 2009).

A subalternidade imposta aos negros foi meticulosamente planejada para desumanizá-los, privando-os de dignidade e transformando-os em seres desprezíveis. Essa desumanização

internaliza neles a profunda “ferida colonial”, resultando em um estado de resignação generalizada (Fanon, 1961). Esse sentimento de subserviência, muitas vezes inconsciente, afeta diretamente a capacidade de reação dos negros, impedindo-os de confrontar essa construção passiva de identidade. Fanon (1961) destaca que, até hoje, muitos negros se sentem tão feridos física e mentalmente que não conseguem responder à opressão. Em contraste, personagens como Millicent representam a minoria de escravos insurgentes que personificam a combatividade contra o sistema escravista.

Nas entrelinhas enunciativas da trama, percebemos que, naquela sociedade racista, o personagem Rutherford representa o ponto máximo da humanidade na escala racial eurocentrada. Sua origem inglesa lhe conferia ‘naturalmente’ respeito e admiração, contrastando com os crioulos locais. Mesmo a senhora Palmer, embora caucasiana e descendente de britânicos, ocupava um degrau menor nessa hierarquia por ser uma branca dos trópicos. Como herdeiro de propriedades no Caribe, o ‘inteligente’ contador incorporava, aos olhos de toda a fazenda, a figura imperiosa de um lorde inglês, simbolizando a civilidade atribuídas a todo europeu, infelizmente.

5. Algumas Considerações

Concluimos nossa análise da obra *The White Witch of Rosehall* de Herbert De Lisser, centrando-nos nos discursos racistas que exaltam a branquitude e depreciam o povo negro, utilizando os conceitos de heterodiscurso e ideologias constituídas e cotidianas conforme o Círculo de Bakhtin. A narrativa explora a dinâmica opressora do período colonial jamaicano, retratando a cruel realidade da escravidão e as revoltas dos escravos. A figura de Annie Palmer, uma senhora de escravos, exemplifica o poder despótico dos brancos, que utilizavam a religião e o direito como ferramentas discursivas para manter o controle dos corpos negros, apresentados como sub-humanos e sem alma.

A análise dialógica do discurso denota como as ideologias cotidianas, refletidas nas falas dos personagens, perpetuam uma ordem social racializada e imperialista, evidenciando uma hierarquia social que coloca os brancos no ápice da humanidade e relega os negros a uma posição de subserviência. O estudo decolonial, inspirado em Quijano e Mignolo, destaca a resistência dos escravos, simbolizada por personagens como Millicent, que desafiam a ordem colonial e lutam pela emancipação. Este trabalho sublinha a importância de compreender e desconstruir os discursos racistas e as ideologias imperialistas que ainda permeiam todas as sociabilidades, inclusive a nossa.

A contribuição desse estudo sublinha a importância dessa luta, reiterando que a busca por um mundo mais justo e digno é um dever de cada indivíduo. A erradicação de todas as formas de discriminação e subjugação humana deve ser um compromisso permanente, tanto no âmbito pessoal quanto coletivo. A construção de uma sociedade mais equitativa requer um embate constante contra todas as formas de opressão, promovendo a igualdade e a dignidade para todos. Ao destacar essas questões, este comedido texto, a parte a questão acadêmica em si, também fomenta uma reflexão para a promoção de direitos universais.

6. Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 3. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão. Revisão da tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1979].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **O discurso no romance**. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. A teoria do romance I: A estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Hucitec, 2015, [1930-1936].

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOAVENTURA, S. S. Meneses. **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almedina, 2009.

CÉSAIRE, Aimé. **Discourse on colonialism**. MR Press. New York, 2000.

DE LISSER, G. Herbert. **The white witch of Rosehall**. London. Ernest Benn Limited. 1958.

DI FANTI, M. G. C. **A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos**. Veredas: Rev. Est. Ling. Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 95-111, jan./dez. 2003.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do “mito da modernidade”**. Trad. de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Serafim Ferreira. Editora Ulisseia Limitada, Lisboa, 1961.

FANON, Frantz. **Peles negras máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira EDUFBA, Salvador, 2008.

GOBINEAU, Arthur. **Essai sur l'inégalité des races humaines**. Paris: Éditions Pierre Belfond, 1967.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Notas sobre a desconstrução do ‘popular’**. In: HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende e outros. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

HALL, Stuart. **Race, Articulation and Societies Structured in Dominance.** In *Sociological Theories: Race and Colonialism*, edited by UNESCO, 305-345. Paris: UNESCO, 1980.

MALDONADO-TORRES, N. **Against War: Views from the Underside of Modernity.** Durham, NC: Duke University Press, 2008.

MIGNOLO, Walter D. **The idea of Latin America.** BLACKWELL PUBLISHING. Australia, 2005.

MIGNOLO, Walter D. **The darker side of western modernity: global futures, decolonial options.** Durham, Duke University Press. 2011.

NASCIMENTO, Luciana M. **ENTRE PARIS E LISBOA: modernidade de Cesário Verde.** Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas – São Paulo, 2003.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina.** Buenos Aires, 2005.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente.** Tradução Rosaura Eichenberg. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Que é a linguagem?** In: _____. **A construção da enunciação e outros ensaios.** Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João editores, 2013 [1930].

VOLÓCHINOV, Valentin.. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

WALLERSTEIN, I. **The Modern World-System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century.** New York: Academic Press, 1974.